

# Célia Farjallat é imortal da Academia de Letras

AUGUSTO DE PAIVA

ROGÉRIO VERZIGNASE

A professora e jornalista Célia Siqueira Farjallat, cronista do **Correio Popular**, tomou posse ontem à noite na cadeira nº 32 da Academia Campinense de Letras. Ela ocupa a vaga deixada pelo jornalista Luiz Gonzaga Horta Lisboa. Antes dela, outros cinco jornalistas do **Correio** — o próprio Horta Lisboa, e mais Francisco Isolino Siqueira, Francelino de Araújo Piauí, Luso Ventura e Pedro Bondaczuk — já haviam sido “imortalizados” pela academia desde sua fundação, em 1956. Bondaczuk, atual editor do noticiário internacional do **Correio**, tomou posse em novembro de 92. Em seu discurso de posse, Célia Farjallat destacou a importância da entidade em incentivar os estudos literários e o aprimoramento da língua portuguesa. Ela destacou também a atuação profissional de seu antecessor, Horta Lisboa, e do fundador da cadeira, Francisco Iglesias.

Célia Siqueira Farjallat nasceu em Campinas, no dia 19 de setembro de 1916. Filha do bancário Pedro Estevam Siqueira — que por 69 anos trabalhou na agência do Banco do



Célia Farjallat tomou posse na Academia Campinense de Letras

Comércio e Indústria S.A. em Campinas — Célia iniciou seus estudos no Grupo Escolar Modelo da Escola Normal (atual EEPSG Carlos Gomes), onde formou-se professora primária. Especializou-se em inglês e lecionou durante 41 anos em diversas escolas, como o Colégio Elvira de Oliveira, em Itapira, e os colégios campineiros Césarino Motta e Culto à Ciência, além da própria Escola Normal. Ela deixou de lecionar em 1975, quando já se dedicava ao jornalismo.

Ingressou no **Correio** ainda na década de 50, depois de rápidas passagens pelos jornais *A Cidade*, de Itapira, *Jornal de Limeira* e *Diário do Povo*. No jor-

nal, ela foi a responsável pela criação da página *O Mundo da Criança*, predecessora dos atuais suplementos infantis. Ela trabalhou também em suplementos femininos e, como repórter, dedicou-se ao noticiário de educação e ensino. Célia Farjallat foi casada com o professor Max Farjallat, com quem teve cinco filhos. Quando não está na redação, ela trabalha com atividades de assistência a crianças deficientes, idosos e toxicômanos. Seus 77 anos, diz, não servem como pretexto para deixar o trabalho. “A academia não é clausura para estudiosos do passado, mas sim uma casa de profissionais que brilham no meio cultural”, afirma.